

# CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE INTENCIONALIDADE EM EDMUND HUSSERL

## NOTES ON THE CONCEPT OF INTENTIONALITY IN EDMUND HUSSERL

Jesuino Junior Pires<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo apresenta um estudo sobre o conceito de intencionalidade da consciência de Edmund Husserl, compreendido dentro do contexto da fenomenologia. Para bem compreendermos este conceito buscamos primeiramente uma abordagem (contextualização) histórica da trajetória intelectual de Husserl, a fim de buscar as origens do pensamento husserliano, no que diz respeito ao tema da intencionalidade e as influências que este recebeu de seus contemporâneos. A parte final do texto foi construída a partir de especificações de uma obra de Husserl: *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*, publicada em 1913, sendo uma importante obra no pensamento do filósofo. Esta pesquisa se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica e tem como ponto de partida a obra de Edmund Husserl, assim como o estudo de alguns comentadores. Os procedimentos são de níveis teóricos, voltados à análise e reflexões do ponto de vista filosófico.

**Palavras-chave:** Intencionalidade. Fenomenologia. Edmund Husserl.

**Abstract:** This article presents a study on the concept of intentionality of consciousness by Edmund Husserl, understood within the context of phenomenology. To understand this concept and seek a first historic approach (context) of Husserl intellectual trajectory, in order to seek the origins of Husserlian thought, with regard to the issue of intentionality and the influences he received from his contemporaries. The final text part was done from the specifications from Husserl's work: *Ideas for a Pure Phenomenology and to a phenomenological philosophy*, published in 1913, is an important work in the philosopher's thought. This research is characterized as a literature searching and it has as starting point the work of Edmund Husserl, as well as the study of some commentators. The procedures are theoretical levels, turned to analysis and reflections of the philosophical point of view.

**Keywords:** Intentionality. Phenomenology. Edmund Husserl.

### 1. Considerações iniciais

A fenomenologia de Edmund Husserl representa uma importante corrente filosófica contemporânea e que teve grande repercussão não somente no meio filosófico, mas também em outras áreas do saber.

A intencionalidade da consciência se configura dentro da fenomenologia, como um aspecto essencial a esta.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC/SP. E-mail: [filosofop2003@yahoo.com.br](mailto:filosofop2003@yahoo.com.br)

Nosso objetivo neste artigo será estudar o conceito de intencionalidade da consciência, tal como apresentado por Husserl, como forma radical de abordagem da questão do conhecimento humano.

Para início de conversa, visamos orientar o leitor para uma contextualização histórica e uma visão geral do conceito de fenomenologia, diante dos problemas epistemológicos da época.

Num segundo momento, objetivamos pesquisar a gênese do conceito de intencionalidade no pensamento de Husserl, a partir das influências por ele recebidas de F. Brentano e G. Frege. Esse processo será necessário para que possamos compreender posteriormente a intencionalidade como um conceito chave na fenomenologia.

Em seguida, nosso olhar se volta para o conceito de intencionalidade da consciência, a partir de uma obra de Husserl. Trata-se aqui, de aprofundar o texto *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica* publicado no ano de 1913. Esta é uma, entre outras obras, na qual o autor aborda essa temática. Detemo-nos apenas nesta, a fim de delimitar o objeto de pesquisa e como forma de especificar o assunto abordado, sendo que existem evoluções ou mudanças no interior do próprio pensamento husserliano.

## **2. Considerações históricas sobre a fenomenologia**

A filosofia, como se sabe, sempre se interessou pela problemática do conhecimento. Várias foram as teorias e linhas filosóficas que surgiram como tentativa de explicar a realidade ou de apresentar uma forma de conhecimento válido.

A fenomenologia<sup>2</sup> de Edmund Husserl é uma importante corrente filosófica do século XX que apresenta um modo de pensar radical no que diz respeito à questão do conhecimento. Ela se configura perante uma polêmica gerada entre o idealismo e o empirismo (DEPRAZ, 2007, p.11).

---

<sup>2</sup> De acordo como Lalande (1999, p. 397), a definição geral de fenomenologia seria: “estudo descritivo de um conjunto de fenômenos, tal como eles se manifestam no tempo ou no espaço, por oposição quer às leis abstratas e fixas destes fenômenos, quer à realidade transcendente de que seriam a manifestação, quer à crítica normativa da sua legitimidade”. Em um sentido mais particular diz-se “do método e do sistema de E. Husserl, assim como das doutrinas que são consideradas como ligadas a eles” (IDEM). Abbagnano (2000, p. 437) tem uma definição parecida de fenomenologia: “descrição daquilo que aparece ou ciência que tem como objetivo ou projeto essa descrição”.

Edmund Husserl (1859-1938), o iniciador<sup>3</sup> da fenomenologia, nasceu em Prossnitz na Morávia (pertencente ao Império Austro-Húngaro). Estudou Matemática em Berlim, iniciou sua carreira como professor na mesma universidade em 1883, passando posteriormente por várias outras universidades. As suas primeiras publicações relacionam-se com a lógica das matemáticas. Escreveu várias obras entre elas *Idéias Diretrizes para uma Fenomenologia Pura e uma Filosofia Fenomenológica*, *Investigações Lógicas*, *Meditações Cartesianas e a Crise das Ciências Europeias*. Foi proibido de lecionar e de sair da Alemanha em 1933 com a ascensão de Hitler ao poder (LYOTARD, 2008, p. 14)<sup>4</sup>.

Husserl viveu em um período de crise do pensamento filosófico e de crise do próprio conhecimento em geral. De acordo com Dartigues (2005, p. 14) todo o período de produção bibliográfica de Husserl, da primeira à última obra, é marcado por uma crise da cultura.

Esse ambiente de crise é caracterizado por vários fatores. Primeiro o sentimento de crise da Filosofia especulativa e com isso os grandes sistemas filosóficos tradicionais começaram a cair por terra. Dessa forma há uma exaltação às ciências empíricas e também ao positivismo<sup>5</sup> como tentativa de superação da Filosofia apriorística ou para preencher o espaço vazio deixado por esta (DARTIGUES, Op. cit., p.14). Entre as ciências, a Psicologia gozava de certo prestígio<sup>6</sup> sob a influência do empirismo e do positivismo aderindo sub-repticiamente aos seus métodos<sup>7</sup>.

Uma das vertentes da Psicologia é o psicologismo<sup>8</sup> que Husserl tanto combateu. Este reduz o conhecimento ao ponto de vista subjetivo e confunde o ato de

---

<sup>3</sup> A palavra *fenomenologia* já havia sido usada por outros filósofos anteriormente, porém somente com Husserl é que se estabelece de fato um movimento ou método que influenciaria muitos outros filósofos posteriores. Na verdade Husserl atribuiu um conteúdo novo a uma palavra já usada. (DARTIGUES, 2005, p 10). Para saber mais sobre o histórico do termo, Cf. André LALANDE, *Vocabulário técnico e crítico da Filosofia*, p. 397-399 e Nicola ABBAGNANO, *Dicionário de Filosofia* p. 437-439.

<sup>4</sup> Sobre as obras publicadas por Husserl, veja: Denis HUISMAN, *Dicionários de obras filosóficas*, p. 523-532.

<sup>5</sup> Grande corrente filosófica que se difundiu na segunda metade do século XIX e teve como expoente principal Augusto Comte. O positivismo consiste em reduzir todo o conhecimento ao que pode ser constatado pelas ciências, ou através dos fatos. Cf. N. ABBAGNANO (Op. cit., p.776-777).

<sup>6</sup> O próprio Husserl na sua obra (2006, § 76, p. 167) destaca esse prestígio: “Em especial, a psicologia, que em nossa época busca avançar com todas as suas forças, só pode ganhar a fundação radical que ainda lhe falta, caso venha dispor de amplas evidências sobre os nexos eidéticos aqui apontados”.

<sup>7</sup> Sobre esse assunto confira: André DARTIGUES, *O que é fenomenologia?*, p. 13-18 e J.-F. LYOTARD, *A fenomenologia*, p. 15-21.

<sup>8</sup> Termo que surgiu também no século XIX e em seu sentido polêmico “o termo é constantemente empregado para designar a confusão entre a gênese psicológica do conhecimento e sua validade” (ABBAGNANO, Op. cit., p. 811-812).

conhecer com a própria realidade conhecida. De acordo com Lyotard (2008, p. 15), “o psicologismo, contra o qual Husserl combate, identifica sujeito do conhecimento e sujeito psicológico”.

Diante deste contexto, Husserl apresenta a fenomenologia. Por meio dela, o autor tenta estabelecer uma forma de investigação e conhecimento válido sem enveredar-se nos extremos da filosofia tradicional apriorística e muito menos nos das ciências naturais<sup>9</sup>.

De acordo com Dartigues (2005, p. 09) o termo fenomenologia apareceu pela primeira vez no texto: *Novo Órganon*, em 1764 de Lambert, discípulo de Christian Wolff como uma teoria da ilusão. Posteriormente, em 1770, Kant retoma esse termo, talvez por influência do próprio Lambert, designando a fenomenologia como uma disciplina propedêutica à metafísica. Com Hegel em 1807 o termo entra definitivamente na tradição filosófica com a *Fenomenologia do Espírito*, agora significando o devir da ciência e do saber<sup>10</sup>. No entanto, a única acepção viva nos dias de hoje diz respeito ao conceito de fenomenologia de Husserl apresentado em *Investigações Lógicas* (ABBAGNANO, 1998, p. 438).

Uma das questões colocadas por Husserl sobre a fenomenologia é a *intencionalidade da consciência*. Este conceito foi de fundamental importância na crítica ao psicologismo e ao positivismo, tendo em vista sua proposta de uma volta às próprias coisas. “No perceber propriamente dito, que é notar algo, estou voltado para o objeto, por exemplo, para o papel, eu o apreendo como este que é aqui e agora” (HUSSERL, 2006, p. 87).

Diante deste contexto, propomo-nos agora a verificar quais as influências recebidas por Husserl de seus contemporâneos entre eles: Franz Brentano e Gottlob Frege.

### **3. Gênese do conceito de intencionalidade da consciência a partir das influências de F. Brentano e G. Frege**

---

<sup>9</sup> Cf. E. HUSSERL, *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. Capítulo II da primeira seção, p. 59-72, onde o autor faz algumas críticas à psicologia, ao empirismo e as ciências naturais em geral.

<sup>10</sup> Abbagnano (Op. cit., p. 437-439) acrescenta ainda: Hamilton que atribuiu o significado de fenomenologia como *psicologia descritiva* (descrição de aparência psíquica), e Hortmann que intitulou a *fenomenologia da consciência moral* a coletânea de dados empíricos da consciência moral.

As origens do pensamento de Husserl, tanto no que diz respeito ao conceito de fenomenologia e especificamente de intencionalidade, tiveram algumas influências de pensadores e filósofos contemporâneos a Husserl. Dentre estes, destacamos neste momento duas figuras principais neste processo.

Franz Brentano<sup>11</sup> e Gottlob Frege<sup>12</sup> representam duas influências decisivas para o desenvolvimento do pensamento de Edmund Husserl, especificamente para o conceito de intencionalidade da consciência.

Para Husserl, o encontro com Brentano em 1884 resulta em sua conversão da Matemática à Filosofia: “F. Brentano desempenha, a partir de 1884, um papel decisivo, que literalmente ‘converte’ Husserl à filosofia” (DEPRAZ, 2007, p.19).

Brentano interessa-se pela psicologia, mas por uma psicologia chamada de descritiva, como uma tentativa de superação do positivismo e do empirismo reinantes da época; e se esforça para estabelecer um conhecimento radical e ao mesmo tempo válido<sup>13</sup>. Assim, desenvolve uma *psicologia do ponto de vista empírico*<sup>14</sup> nesta perspectiva: de que esta deveria descrever os atos da consciência<sup>15</sup>. Inicia-se dessa forma um estudo sobre a consciência<sup>16</sup> e que muito influenciará sobre o pensamento de Husserl.

Essa influência é notável, entre outras, a partir do conceito de intencionalidade de Brentano. A esse respeito, afirma Dartigues (2005, p. 15):

---

<sup>11</sup> Mestre de Husserl, Franz Brentano foi “filósofo e psicólogo alemão, sobrinho do poeta romântico Clémens Brentano, nascido em Marienberg em 1838 e morto em Zurique em 1917. Dominicano, teólogo católico (sacerdócio em 1864), ensinará filosofia em Würzburg e em Viena (até 1864 dois anos depois de abandonar o sacerdócio, data em que seu casamento causou grande escândalo e o obrigou a pedir demissão), depois em Florença e em Zurique. Seus alunos mais célebres serão, entre outros, Husserl e Ehrenfels. Por isso, sua influência sobre o pensamento filosófico de século XX é evidente” (HUISMAN, 2001, p. 170). Para saber mais sobre o assunto, veja também: José GAOS, História e significado, prefácio da obra *Meditações Cartesianas*, edição espanhola, p. 17-39.

<sup>12</sup> Frege também foi um filósofo alemão, nascido no ano de 1848, passou sua infância em Wismar, onde seus pais dirigiam uma escola secundária. Sua principal formação intelectual é na área das exatas. Doutorou-se em Matemática e uma de suas obras é *Fundamentos da Aritimética*. Na tentativa de estabelecer os fundamentos da Matemática, da Aritmética (o conceito de número) e da Lógica, suas reflexões ultrapassam os limites do campo das exatas, adentrando, porém, no campo da Filosofia. Cf. Denis HUISMAN, *Dicionários de obras filosóficas*, p. 397-409.

<sup>13</sup> Cf. M. A. FERNANDES, *A gênese histórica da fenomenologia*. Apud J. A. OLIVEIRA, *Levinas fenomenólogo? Investigação a partir do conceito de intencionalidade da consciência*, p. 17.

<sup>14</sup> Como se sabe este é o título de uma das obras de Brentano.

<sup>15</sup> “De fato o que está em jogo sob esses rótulos de prático e de empírico é o lugar que então se busca dar à psicologia como descrição das vivências, seja de fatos da percepção ou de vivências da própria lógica” (DEPRAZ, 2007, p. 20).

<sup>16</sup> Cf. J. A. OLIVEIRA, *Levinas fenomenólogo? Investigação a partir do conceito de intencionalidade da consciência*, p. 17.

A grande contribuição de Brentano consiste de início em distinguir fundamentalmente os fenômenos psíquicos, que comportam uma *intencionalidade*, a visada de um objeto, dos fenômenos físicos; em seguida, em afirmar que esses fenômenos psíquicos podem ser percebidos e que o modo de percepção original que deles temos constitui o seu conhecimento fundamental.

Brentano afirma a existência de objetos intencionais que se opõem aos objetos reais. O objeto intencional seria imanente à consciência<sup>17</sup>. Aqui nota-se a influência de Brentano no início do pensamento de Husserl e que será alvo de críticas de Frege acusando-o de psicologismo. Entretanto, essa concepção de imanência do objeto intencional à consciência será alvo de muitas críticas por parte dos discípulos de Brentano, inclusive pelo próprio Husserl posteriormente<sup>18</sup>. De acordo com Porta (2000, p. 103) é comum afirmar que Husserl retoma o conceito de intencionalidade de Brentano, no entanto, o que geralmente se omite é essa crítica. É esta crítica e não a identidade que fará Husserl elaborar um novo conceito de intencionalidade.

O fato é que o estudo da consciência e o conceito de intencionalidade de Brentano muito influenciaram nos escritos de Husserl posteriormente, permitindo-o desenvolver a partir destes elementos tanto críticas como tentativas de superação para o psicologismo e fundamentação radical do conhecimento. Nesse sentido, de acordo com Dartigues (2005, p. 15-16):

A exploração do campo de consciência e dos modos de relação ao objeto, que a escola de Brentano persegue com Stumpf e Von Meinong, delimita o que tornará o campo de análise da fenomenologia de Husserl. Mas essa escola fica na descrição dos fenômenos psíquicos, e não responde às questões fundamentais que Husserl se coloca: poderá um conceito lógico ou matemático, como um número, se reduzir à operação mental que o constitui, por exemplo à numeração? E se ele não reduz a isto, não será o estudo da operação mental mais que uma simples descrição do psicologismo? Um ultrapassamento da psicologia descritiva de Brentano se verifica necessário e é este ultrapassamento que Husserl realizará sob o nome de *fenomenologia*.

---

<sup>17</sup> Cf. M. A. G. PORTA. La cuestión noética en Frege, su concepto de intencionalidad y su influencia sobre Husserl. *Thémata – Revista de Filosofia*, (2000) n. 24, p. 103-104. Deve-se ressaltar, todavia, que o que é intencional não é o sujeito ou a consciência, mas sim o objeto, sendo que este existe na consciência, ou seja, é imanente a ela. Cf. IDEM. Diferentemente de Brentano, Husserl não concorda com esta questão da imanência dos objetos na consciência e como veremos na última parte de nosso trabalho, para ele é a consciência que é intencional. Esta observação é necessária para que não se confunda o conceito de intencionalidade de Brentano com o de Husserl.

<sup>18</sup> Para aprofundamento desta questão veja: M. A. PORTA. Frege y Natorp: platonismo, antipsicologismos y teorías de la subjetividad. *O que nos faz pensar*, (2006) v. 20, p. 163-184.

Não é nossa intenção neste momento fazer um estudo detalhado sobre o conceito de intencionalidade de Franz Brentano, e nem poderíamos fazê-lo devido às especificações desta pesquisa, mas apenas indicar algumas contribuições e influências deste autor sobre Husserl.

De fundamental importância são também as influências que Husserl recebeu de G. Frege.

O pensamento de Frege não teve grande repercussão em sua época e sua atividade acadêmica foi considerada um fracasso, apesar de ser considerado o pai da lógica contemporânea (filosofia analítica)<sup>19</sup>.

De acordo com Oliveira (1996, p. 57-58), as preocupações de Frege não condiziam com as preocupações da sua época. Enquanto a matemática estava sendo considerada por muitos como uma ciência natural, a filosofia afastava-se dela e se aproximava mais às ciências históricas. “O pensamento de Frege já surgia, por assim dizer, fora do tempo, pois o que o preocupava era, precisamente, a conexão entre matemática e filosofia” (Idem, p. 58).

Dessa forma há uma preocupação por parte de Frege no estabelecimento dos fundamentos da matemática, da aritmética e das leis lógicas, sendo que uma de suas obras intitula-se: *Os Fundamentos da Aritmética*.

Nesta perspectiva, o principal alvo da crítica de Frege é o psicologismo. Husserl herdou essa polêmica a partir de suas críticas. Na verdade foi acusado por Frege de psicologismo<sup>20</sup>. De acordo com Porta (2000, p. 107), há boas razões para afirmar essa herança, tanto no que diz respeito à coincidência do problema do psicologismo

---

<sup>19</sup> “Carnap, um dos grandes lógicos de nosso tempo, foi seu aluno e relata como, com mais dois outros alunos somente, estava presente às suas aulas, onde Frege apresentava, totalmente indiferente a seus alunos, suas descobertas a respeito dos problemas fundamentais que constituíram a *paixão* de sua vida: problemas da lógica e dos fundamentos da matemática. Ele mesmo teve de custear a publicação de seus livros e mesmo assim não encontrou leitores”. M. A. OLIVEIRA, *Reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea*, pp. 57-58.

<sup>20</sup> “Em 1884 Frege havia publicado ‘Grundlagen der Arithmetik’. O jovem Husserl lhe envia então uma carta junto com seu trabalho. Frege responde prometendo efetuar uma resenha do mesmo. A promessa será cumprida, mas a resenha é negativa (para não dizer absolutamente demolidora). O motivo principal da crítica fregueana é a acusação de psicologismo”. M. A. G. PORTA. A polêmica em torno ao psicologismo de Bolzano a Heidegger. *Síntese – Revista de Filosofia*, (2004), n. 99, p. 120.

como na solução do mesmo. Isso não seria mera coincidência, mas sim uma influência histórica e decisiva de Frege sobre Husserl na sua virada antipsicologista<sup>21</sup>.

Frege considera que o problema se encontra quando a psicologia tenta estabelecer o conhecimento a partir do subjetivo, reduzindo os conhecimentos e conceitos da matemática e da lógica a realidades psíquicas.

Imagina-se, pelo que parece, que os conceitos nascem na alma individual como as folhas nas árvores, e pretende-se ser possível conhecer sua essência por meio da investigação de sua gênese, que se procura explicar psicologicamente a partir da natureza da alma humana. Mas esta concepção lança tudo no subjetivo e, levada às últimas conseqüências, suprime a verdade (FREGE, 2002, p. 90).

Grosso modo, esse reducionismo, essa preocupação excessiva com o subjetivo é o que geralmente se chama de psicologismo<sup>22</sup>.

Na tentativa de combater esta questão então levantada pelo psicologismo, Frege tenta, portanto, estabelecer a diferença entre: o psicológico e o lógico, o subjetivo e o objetivo e ainda a distinção entre conceito e objeto (FREGE, 1980, p. 92). Contemporâneos de Frege afirmam que os números, por exemplo, são objetos espaciais e físicos e outros que estes são apenas representações. Frege rejeita e critica essas concepções<sup>23</sup>.

As contribuições de Frege na tradição filosófica são inquestionáveis, passando desde a lógica simbólica, como já mencionamos, à semântica (filosofia da linguagem)<sup>24</sup> e na polêmica contra o psicologismo, como já está sendo ressaltado neste texto.

A crítica de Frege à Husserl, no que diz respeito ao início de seus escritos, foi de fundamental importância para que este pudesse estabelecer o conceito de

---

<sup>21</sup> Oliveira (1996, p. 60) também considera essa influência quando diz: “No entanto, a contraposição de Frege ao psicologismo é anterior a Husserl e, hoje, se pode saber da influência de Frege sobre o pensamento de Husserl”.

<sup>22</sup> Porta (2004) alerta para o fato de que não existe apenas um, mas três tipos de psicologismo, a saber: lógico, semântico e o epistemológico. Para aprofundamento desta questão cf. M. A. G. PORTA. A polêmica em torno ao psicologismo de Bolzano a Heidegger. *Síntese – Revista de Filosofia*, (2004), n. 99, p. 109-110,

<sup>23</sup> “Por esse motivo não posso também concordar com Schloemilch, que diz ser o número representação da posição de um objeto em uma série. Se o número fosse uma representação, a aritmética seria psicologia. E ela o é tão pouco quanto, digamos, a astronomia (...). O número não é espacial e físico, como representações, mas não sensível e objetivo. O fundamento da objetividade não pode de fato estar na impressão sensível, que, enquanto afecção de nossa alma, é totalmente subjetiva, mas, tanto quanto posso perceber, apenas na razão” (G. FREGE, Op. cit., § 27, p. 115).

<sup>24</sup> Para aprofundamento da concepção semântica de Frege confira M. A. OLIVEIRA, *Reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea*, (1996) p. 57-67.



intencionalidade, na tentativa de superar o problema do psicologismo e para o estabelecimento de uma crítica radical do conhecimento.

No início de sua vida acadêmica, Husserl defendeu uma tese de habilitação cujo título era: *Sobre o Conceito de Número*, em 1897, onde ele recorre à psicologia, a partir da operação de contar, para fundamentar a matemática e a lógica. Diante do contexto histórico e sob a influência de grandes pensadores esse fato não poderia ser diferente. Goto (2008, p. 42-43) a esse respeito destaca:

De certa maneira, Husserl não poderia ter buscado outra justificação filosófica a não ser no psicologismo, pois era uma época em que a filosofia estava dominada por tantos psicologistas, como Stuart Mill, W. Wundt, F. Brentano, W. Dilthey, entre outros [...] A oposição que apareceu entre os psicologistas e os logicistas será tão cruel para Husserl, que, logo depois de sua defesa de habilitação, ele passou a ser duramente criticado pelos formalistas, especialmente G. Frege.

A partir destas constatações e até mesmo do próprio reconhecimento de Husserl<sup>25</sup> posteriormente sobre a imaturidade e insuficiência desses escritos, pode-se concluir que as críticas de Frege foram decisivas neste processo de passagem do psicologismo<sup>26</sup> ao antipsicologismo.

É a partir dessas questões e críticas que Husserl se direciona para a criação da fenomenologia e sub-repticiamente ao conceito de intencionalidade da consciência.

#### **4. O conceito de intencionalidade na obra de Husserl: ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**

Existe de fato toda uma mudança no pensamento de Husserl no decorrer de sua vida e suas obras. Neste momento nos cabe, todavia apresentar, grosso modo, esse conceito a partir de sua obra: *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*, de 1913<sup>27</sup>.

De imediato podemos dizer que o problema que Husserl se propõe a abordar nesta obra é o conhecimento. Podemos notar isso em suas críticas às ciências empíricas

---

<sup>25</sup> Para aprofundamento desta questão e da influência de Frege sobre Husserl, confira: T. A. GOTO, *Introdução à psicologia fenomenológica*, p. 41- 48.

<sup>26</sup> Não que Husserl tenha sido considerado um psicologista, mas pelo menos neste início utilizou-se dele para fundamentar sua tese. Cf. Idem.

<sup>27</sup> Escolhemos estudar especificamente o primeiro volume desta obra (geralmente chamada de *Ideias I*), sendo que o segundo volume só foi publicado posteriormente. Em *Ideias I* Husserl retoma o conceito de intencionalidade já abordado em *Investigações Lógicas* anteriormente. O mesmo conceito aparece em outros escritos posteriores como em *Meditações Cartesianas*.

e naturais, sobretudo ao psicologismo. A temática fundamental na filosofia fenomenológica husserliana refere-se à possibilidade de um conhecimento fundamentado e radical, em contrapartida aos reducionismos presentes em sua época e como estabelecer essa radicalidade a partir da filosofia<sup>28</sup>.

Husserl (Op. cit., p. 72) distingue a esse respeito dois tipos de ciências. As primeiras seriam: “as *ciências de orientação dogmática*, voltadas para as coisas, sem nenhuma preocupação com qualquer problemática epistemológica ou cética.” As segundas seriam: “as investigações científicas de orientação epistemológica, *especificamente filosófica*, que se ocupam dos problemas céticos da possibilidade do conhecimento.”

A psicologia empírica, em especial o psicologismo coloca a questão do conhecimento como algo subjetivo como já mencionamos, assim, a fenomenologia husserliana terá que desenvolver reflexões sobre a antiga problemática entre o sujeito e o objeto, em outras palavras, entre subjetividade e objetividade.

Husserl (Op. cit., § 135 p. 301) apresenta, portanto, a dificuldade no que diz respeito a essa temática quando diz:

A questão é, pois, saber como podem ser descritas, noética e noematicamente, em cientificidade fenomenológica, todos aqueles nexos de consciência que tornam um puro e simples objeto necessário em sua efetividade.

[...] Problemas envolvendo efetividade se encontram em *todos* os conhecimentos como tais, inclusive em nossos conhecimentos fenomenológicos referentes à possível constituição de objetos: todos têm seus correlatos em “objetos” que são visados como “efetivamente existentes”.

Diante do que foi descrito, podemos apontar alguns questionamentos sobre a temática abordada, tais como: que elementos Husserl oferece para essa crítica ao conhecimento? Qual a relação dessas questões apontadas com o conceito de intencionalidade? Por que existe na filosofia husserliana o conceito: *intencionalidade*?

---

<sup>28</sup> Podemos perceber essa ideia de radicalidade logo no início do estabelecimento do método fenomenológico, quando Husserl (2006, § 31-32, p. 78 e seguintes) apresenta o conceito de *epochè*; o que ele chama também de *modificação radical da tese natural, colocar fora de circuito* ou ainda *colocar entre parênteses*. “Nosso propósito, porém, é precisamente a descoberta de um novo domínio científico, e de tal que deve ser alcançado justamente *pelo método de parentetização*, submetido, contudo, a uma determinada restrição” (Idem, § 32, p. 81).

Sendo a intencionalidade um conceito central na filosofia husserliana, não seria de se estranhar que este seja o próprio problema da fenomenologia em si<sup>29</sup>. Será que Husserl consegue com esse conceito fundamentar o conhecimento e resolver definitivamente os problemas entre sujeito e objeto, entre subjetividade e objetividade, entre o psicologismo, empirismo e positivismo?

De início podemos dizer que o conceito de intencionalidade de Husserl está próximo daquele apresentado por Brentano, ou seja, que toda consciência é consciência de algo; a consciência sempre se refere a um objeto.

Trata-se, exclusivamente, do halo de consciência inerente à essência de uma percepção efetuada no modo do “estar voltado para o objeto” e, mais ainda, daquilo que está contido na própria essência desse halo mesmo. Ora, faz parte dessa essência que certas modificações do vivido originário sejam possíveis, modificações que designamos como livre mudança do “olhar” – não exatamente e meramente do olhar físico, mas do “*olhar do espírito*” (HUSSERL, Op. cit., § 35, p. 87).

Essa mudança de olhar seria a redução fenomenológica ou epoché (suspensão do juízo) como já mencionamos. Trata-se de colocar *entre parênteses* todo o conhecimento ou crença que temos diante das coisas e do mundo. Essa crença Husserl chama de *atitude natural*<sup>30</sup> que surge a partir do mundo dado, imediato; “pelo ver, tocar, ouvir etc., nos diferentes modos de percepção sensível, as coisas corpóreas se encontram *simplesmente aí para mim*” (HUSSERL, Op. cit., § 27, p. 73).

A *modificação radical da tese natural*<sup>31</sup> consiste justamente em colocar fora de circuito essa atitude natural, e a partir daí voltar às coisas mesmas. Mas o que acontece se colocarmos tudo fora de circuito, inclusive nós mesmos? O resultado, de acordo com Husserl, é que o que resta da redução fenomenológica é a consciência. Esta seria o resíduo fenomenológico<sup>32</sup>.

---

<sup>29</sup> Nos dizeres de Husserl (Op. cit., § 146, p. 323): “O problema que abarca a fenomenologia inteira tem como título: intencionalidade. Ele exprime justamente a propriedade fundamental da consciência, e todos os problemas fenomenológicos, inclusive os hiléticos, estão a ele subordinados”.

<sup>30</sup> Cf. E. HUSSERL (Op. cit.), início do capítulo I da primeira seção e início do capítulo I da segunda seção.

<sup>31</sup> Deve-se diferenciar essa mudança na atitude natural com a dúvida cartesiana. Cf. Idem, (§ 31 p. 78). Também há que se diferenciar de outras posturas como o próprio Husserl (IDEM, § 32, p. 81) faz: “se assim procedo, como é de minha plena liberdade, então não *nego* este ‘mundo’, como se eu fosse sofista, *não duvido de sua existência*, como se fosse cético, mas efetuo a epoché ‘fenomenológica’, que me impede totalmente de fazer *qualquer juízo sobre existência espaço-temporal*”.

<sup>32</sup> “A consciência remanesce, assim, como ‘*resíduo fenomenológico*’, como uma espécie própria por princípio de região do ser, que pode, com efeito, tornar-se o campo de uma nova ciência – a fenomenologia” (HUSSERL, Idem, § 33, p. 84).

A intencionalidade é o que possibilita a *epoché*, pois a partir do momento que a consciência é consciência de algo ou que visa algo, na verdade houve uma modificação do olhar. A atitude natural – e nossa crença sobre ela – continua suspensa, fora de circuito, porém modificada. O fato de percebermos um objeto, direcionando nosso *olhar*, não meramente físico, como sublinha Husserl, nos permite visar este mesmo objeto enquanto tal, sem a crença de que falamos<sup>33</sup>.

O texto de Husserl citado acima, falava de um *halo de consciência*, esse halo seria, portanto, uma série de objetos que aparecem à consciência, mas que no momento atual esta (a consciência) não está voltada a eles. “Toda percepção de coisa tem, assim, um halo de *intuições de fundo* (ou de visões de fundo, caso já se compreenda no intuir o ‘estar-voltado-para’), e este também é um ‘*vivido de consciência*’ ou, mais brevemente, ‘consciência’” (HUSSERL, Op. cit., § 35, p. 87).

Assim, há sempre uma possibilidade da consciência intencional de se dirigir para outro algo que até então não se dirigia. Husserl chama isso de modificação de inatualidade. “O vivido é, por assim dizer, ora consciência ‘*explícita*’, ora consciência implícita, meramente *potencial*, de seu objeto” (Idem, § 35, p. 88). Dessa forma há sempre certa indeterminação das coisas intuídas, tendo em vista que as vivências são sempre atuais e inatuais. E ressalta Husserl que: “*o fluxo de vivido jamais pode consistir de puras atualidades*” (Idem).

Essa observação é importante, para não se confundir intencionalidade com atenção. Tanto as vivências atuais como as inatuais são intencionais, por isso mesmo, intencionalidade é diferente de atenção, e esta não possui apenas um caráter perceptivo (J.-F. LYOTARD, 2008, p. 38).

Assim, chegamos ao ponto chave na empreitada de Husserl na crítica e fundação do conhecimento. A intencionalidade é o que permite estabelecer o mundo (o objeto, ou o transcendente) na consciência, ou seja, é com esta que é possível fazer uma distinção entre objetividade e subjetividade.

O grande problema que Husserl aponta em sua obra *Ideias I* é que de um lado, sob a influência do positivismo e das ciências, tende-se a estabelecer o conhecimento a

---

<sup>33</sup> Lyotard (2008, p. 37) ressalta que esse ponto da intencionalidade de Husserl é o que o diferencia de Brentano. “Com efeito, a intencionalidade não é apenas esse dado psicológico que Husserl herdou de Brentano, mas ainda aquilo que possibilita a própria *epoché*”, em seguida apresenta um exemplo da questão que estamos abordando: “perceber este cachimbo em cima da mesa, de modo nenhum ter uma reprodução em miniatura deste cachimbo *no* espírito, mas *visar* o próprio objecto cachimbo. Ao pôr fora de circuito a *doxa* natural (posição espontânea da existência do objecto), a redução revela o objecto enquanto visado, ou fenómeno.”

partir do exterior, os objetos existem por si mesmos ou ao contrário existem apenas como realidades psíquicas (psicologismo), reduzindo tudo ao psicológico, ao subjetivo. De outro, lado a tendência idealista, que afirma serem as coisas constituídas apenas nas ideias, estas existem por si mesmas sem a necessidade do mundo exterior (HUSSERL, Op. cit., § 52, p. 123).

Na tentativa de resolver tal questão, o tema da intencionalidade se apresenta da seguinte forma:

1. a intencionalidade é aquilo que caracteriza a consciência, e que justifica designar todo o fluxo de vivido como fluxo de consciência (Idem, § 84, p. 190).
2. esse conceito tem origem no próprio *cogito*,<sup>34</sup> porém na correlação entre a consciência e o fenômeno (Idem).
3. a consciência é o que dá sentido a esses fenômenos que se apresentam a ela<sup>35</sup>.

A primeira proposição afirma que a consciência será sempre intencional, ou seja, sempre irá referir-se a alguma coisa. Assim, a consciência não existe em si mesma, como afirma o idealismo, e muito menos os objetos exteriores.

A segunda proposição apresenta na verdade resquícios da concepção cartesiana do *cogito*, porém totalmente modificada. “Perceber é percepção de algo, por exemplo, de uma coisa; julgar é julgar um estado-de-coisas; valorar é valorar uma relação de valor; desejar, uma relação de desejo etc.” (Idem, § 84, p. 190). Assim, a consciência está sempre em relação com os objetos percebidos, dados e não mais fechada em si mesma como na concepção cartesiana. A intencionalidade é o que permita a consciência sair de si mesma em direção aos fenômenos, acontecendo então uma correlação entre os atos de consciência e os objetos constituídos por esses atos<sup>36</sup>. O conhecimento não se

---

<sup>34</sup> Husserl utiliza o termo *cogito*, no entanto, não se deve confundir-lo com o *cogito* cartesiano. De acordo com Sokolowski (2004, p. 18-19), a tradição filosófica moderna, principalmente Descartes, Hobbes e Locke compreendem a consciência como um sistema fechado em si mesmo. O *cogito* cartesiano (o *penso, logo existo*) é a expressão máxima desse confinamento da consciência em si mesma, tornando o mundo exterior, de certa forma, inacessível.

<sup>35</sup> “Os vividos intencionais estão ali como unidades mediante doação de sentido” (HUSSERL, Op. cit., § 85, p. 194).

<sup>36</sup> “Husserl batizará com o nome de *noese* a atividade da consciência e com o nome de *noema* o objeto constituído por essa atividade, entendendo-se que se trata do mesmo campo de análise no qual a consciência aparece como se projetando para fora de si própria em direção a seu objeto e o objeto como se referindo sempre aos atos da consciência” (DARTIGUES, 2005, p. 23). Entende-se o conceito de intencionalidade dentro dessa relação entre *noese* e *noema*. Sobre esses conceitos veja capítulo III e IV da terceira seção das *Ideias I* de Husserl.

constitui apenas no sujeito pensante (cogito cartesiano, idealismo), nem tão pouco nos objetos exteriores (concepções positivistas e empiristas). Nos dizeres de Dartigues (2005, p. 23): “consciência e objeto não são, com efeito, duas entidades separadas na natureza que se trataria, em seguida, de pôr em relação, mas consciência e objeto se definem respectivamente a partir desta *correlação* que lhes é, de alguma maneira, co-original”.

Nota-se neste ponto que Husserl não só apresenta uma novidade com relação às reflexões cartesianas,<sup>37</sup> como tenta uma conciliação entre idealismo e empirismo.

A última proposição retoma, todavia, o que já mencionamos acima, que a consciência intencional é o que estabelece e dá um sentido ao mundo.

O contra-senso surge somente quando se filosofa e, na busca de uma explicação última sobre o sentido do mundo, não se nota que o mundo mesmo possui todo o seu ser como certo “sentido”, o qual pressupõe a consciência absoluta, o campo da doação de sentido; e quando, em estreita ligação com isso, não se nota que esse *campo, essa esfera ontológica das origens absolutas, é um campo acessível à investigação intuitiva*, com uma profusão infinita de conhecimentos evidentes da mais alta dignidade científica (HUSSERL, 2006, § 55, p. 129).

Husserl fundamenta a cientificidade dessa afirmação na questão da intuição, ou seja, o sentido que a consciência dá ao mundo não exclui esse próprio mundo, pois este é percebido de modo imediato e intencional. Assim, a intencionalidade é uma doação de sentido<sup>38</sup>.

Diante disso, a tarefa da fenomenologia, ou pelo menos uma das tarefas, é justamente a de descrever essa correlação entre os atos de consciência e os objetos visados. Husserl define a fenomenologia então, como a descrição das essências, da consciência e de seus atos (DARTIGUES, 2005, p. 24).

---

<sup>37</sup> O conceito de intencionalidade é o que permite Husserl apresentar essa novidade com relação a Descartes: “Graças à intencionalidade, o resultado da redução fenomenológica difere totalmente do resultado da dúvida cartesiana: o que resta ao termo da redução, seu ‘resíduo’, não é só o *eu penso*, mas a conexão ou correlação entre o *eu penso* e seu *objeto de pensamento*, não o *ego cogito*, mas o *ego cogito cogitatum*.” (DARTIGUES, 2005, p. 25).

<sup>38</sup> Lyotard (Op. cit., p. 38-39) refere-se a esta questão com propriedade quando diz: “Desse modo, a intencionalidade é por si mesma uma resposta à questão: como pode haver um objecto-em-si para mim? (...) O sentido do mundo é assim decifrado como sentido que eu dou ao mundo; mas tal sentido é vivido como objectivo, descubro-o, de outra forma não seria o sentido que o mundo tem para mim. (...) Ora, é a própria intencionalidade que define esta *filosofia*. A análise intencional (daí deriva o seu nome) deve, então, esclarecer como é *constituído* o sentido de ser (*Seinssin*) do objecto; porque a intencionalidade é um objectivo, mas é igualmente uma doação de sentido”.

Nota-se, entretanto, que a intencionalidade é o conceito central na fenomenologia de Husserl e o que permite uma fundamentação radical do conhecimento. “A tarefa efetiva da fenomenologia será, pois, analisar as vivências intencionais da consciência para perceber como aí se produz o sentido dos fenômenos, o sentido desse fenômeno global que se chama mundo” (DARTIGUES, 2005, p. 26).

## **5. Considerações Finais**

Diante dos estudos e análises feitas, podemos retomar algumas ideias que foram desenvolvidas, não como conclusões fechadas sobre o assunto, mas como indicações para uma visão mais apurada e crítica sobre fenomenologia de Husserl.

A abordagem sobre o contexto histórico no qual viveu Husserl – o sentimento de crise da filosofia, das ciências e do saber em geral – nos auxiliou a percebermos as intenções deste filósofo ao criar esse movimento de pensamento que é a fenomenologia. Assim, é evidente que uma filosofia fenomenológica deste ponto de vista, deve surgir como forma de conhecimento radical e como crítica às concepções vigentes que foram mencionadas.

Em busca das origens do conceito de intencionalidade da consciência, nota-se que, assim, como qualquer filósofo ou pensador, Husserl também foi influenciado por autores de sua época. Franz Brentano foi seu mestre e, portanto, há uma influência direta sobre ele, principalmente no que diz respeito ao conceito de intencionalidade. É a partir do conceito de intencionalidade de Brentano que Husserl inicia e desenvolve sua fenomenologia.

Como Brentano era um filósofo pesquisador sobre a psicologia (psicologia empírica e descritiva), Husserl acaba sendo influenciado em seus primeiros escritos nesta linha de pensamento, o que o tornou alvo de muitas críticas por parte dos antipsicologistas, entre eles Gottlob Frege. As críticas deste, entretanto, foram decisivas para que Husserl abandonasse esse projeto e realizasse uma reviravolta em seu pensamento, tornando-se um verdadeiro antipsicologista.

Na tentativa de questionar o reducionismo do psicologismo, do positivismo e do empirismo, Husserl não somente retoma o conceito de intencionalidade de Brentano, mas o reformula.

Percebemos dessa forma, a partir da obra *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica* que realmente o conceito de intencionalidade da

consciência é um tema central dentro da fenomenologia de Husserl. É ele que permite a Husserl uma crítica radical sobre o conhecimento humano, apresentando alternativas aos reducionismos que mencionamos.

O conceito de intencionalidade é de fundamental importância também para toda a escola fenomenológica posterior a Husserl. Vários filósofos que seguiram os rastros da fenomenologia, como Heidegger e os existencialistas franceses, tiveram como pressuposto básico o conceito de intencionalidade da consciência.

Isso deixa evidente não só a amplitude, mas a importância da fenomenologia de Husserl. Mesmo se as reflexões posteriores não foram tão fiéis ao pensamento do seu criador, isso não diminuiu a importância da fenomenologia, pelo contrário, é isso que a permite, não ser um sistema fechado, mas sim uma gama de possibilidades de investigação do real.

Husserl abandonou muitos caminhos ao longo de suas pesquisas filosóficas, assim como desbravou outros. Portanto, a fenomenologia compreende essas variedades de ramificações, surgidas a partir dos próprios escritos de Husserl, assim como também a soma das “heresias” posteriores ao seu pensamento.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BELLO, A. A. *Introdução à fenomenologia*. Trad. Ir. Jacinta Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru, São Paulo: Edusc, 2006.
- DARTIGUES, André. *O que é a fenomenologia?* Trad. M. J. G. Almeida. São Paulo: Centauro, 2005.
- DEPRAZ, N. *Compreender Husserl*. Trad. F. Santos. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- FERNANDES, M. A. *A gênese histórica da fenomenologia*. Dissertatio ad Licentiam. Roma: Pontificium Athenaeum Antonianum, 2000.
- FREGE, G. *Investigações Lógicas*. Trad. P. Alcoforado. Porto Alegre: EDPUCRS, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Os fundamentos da Aritmética*. Trad. L. H. Santos. São Paulo: Abril Cultural, 1980 (Os Pensadores).
- GAOS, J. “Historia y significado”. In: HUSSERL, E. *Meditaciones Cartesianas*. Trad. J. Gaos e M. García-Baró. 2. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1996, p.17-39.
- GOTO, T. A. *Introdução à psicologia fenomenológica: a nova psicologia de Edmund Husserl*. São Paulo: Paulus, 2008 (Coleção Temas de Psicologia).
- HUISMAN, D. *Dicionário dos Filósofos*. Trad. I. C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- HUSSERL, E. *A Ideia da fenomenologia*. Trad. A. Morão. Lisboa: Edições 70, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. Trad. M. Suzuki. Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2006. (Coleção Subjetividade Contemporânea).



- \_\_\_\_\_. *Meditaciones Cartesianas*. Trad. J. Gaos e M. García-Baró. 2. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Meditazioni Cartesiane*. A cura di E. Natalini. Roma: Armando, 1999. (I classici di filosofia).
- LALANDE, A. *Vocabulário técnico e crítico da Filosofia*. Trad. Fátima Sá Correia et al. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- LYOTARD, Jean-François. *A fenomenologia*. Trad. A. Rodrigues. Lisboa: Edições 70. 2008.
- OLIVEIRA, J. A. *Levinas fenomenólogo? Investigação a partir do conceito de intencionalidade da consciência*. São Paulo, Dissertação de Mestrado (Mestrado em Filosofia), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, 2010.
- OLIVEIRA, M. A. *Reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea*. São Paulo: Loyola, 1996.
- PORTA, M. A. G. “A polêmica em torno ao psicologismo de Bolzano a Heidegger”. *Síntese – Revista de Filosofia*, v. 31, n. 99, p. 107-131, 2004.
- \_\_\_\_\_. “Frege y Natorp: platonismo, antipsicologismo y teorías de la subjetividad”. *O que nos faz pensar*, PUCRJ, v. 20, p. 163-184, 2006.
- \_\_\_\_\_. “La cuestión noética em Frege, su concepto de intencionalidad y su influencia sobre Husserl”. *Thémata – Revista de Filosofia*, n. 24, p. 83-144, 2000.
- \_\_\_\_\_. “Platonismo e intencionalidad: a propósito de Bernad Bolzano”. 1ª Parte. *Síntese*, Belo Horizonte, v. 29, n. 93, p. 251-276, 2002.
- \_\_\_\_\_. “Platonismo e intencionalidad: a propósito de Bernad Bolzano”. 2ª Parte. *Síntese*, Belo Horizonte, v. 30, n. 96, p. 85-106, 2003.
- RICOEUR, P. *Na escola da fenomenologia*. Trad. E. F. Alves. Petrópolis: Vozes, 2009.
- SACRINI, M. “O projeto Fenomenológico de fundação das ciências”. *Scientia Studia*, São Paulo, v. 7, n. 4, p. 577-593, 2009.
- \_\_\_\_\_. “Lições do mundo-da-vida: o último Husserl e a crítica ao objetivismo”. *Scientia Studia*, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 355-372, 2004.
- SOKOLOWSKI, Robert. *Introdução à fenomenologia*. Trad. Alfredo de Oliveira Moraes. São Paulo: Edições Loyola, 2004.